



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 65

Não sou eu

Branca Vianna: Bem-vindo ao Rádio Novelo Apresenta. Eu sou a Branca Vianna.

Aliás, sobre isso. Teve uma época em que a minha mãe viajava muito a trabalho. Eu já era adulta, casada, com filhos, tinha a minha casa... e era pra lá – no caso, pro telefone fixo da minha casa, que ela mandava as pessoas ligarem quando quisessem falar com ela, ou deixar algum recado pra ela.

Só que ela não contava um detalhe.

Que tinha outra Branca morando lá. No caso, eu.

Eu já falei disso, mas, na melhor tradição da dominância mundial do matriarcado, eu sou filha, neta, e bisneta de Brancas. Minha bisavó se chamava Branca. Minha avó também se chamava Branca. E a minha mãe – Branca também – passava o meu telefone pras pessoas... elas ligavam e pediam pra falar com a Branca... e eu dizia que era eu, a Branca.

Ficava uma conversa de maluco até eu entender se a pessoa tava querendo falar comigo ou com a minha mãe. Às vezes eu chegava e tinha um recado na secretária eletrônica pra Branca... mas até entender qual Branca era o alvo do recado, eram dias de investigação.

Mas pra minha mãe – a semeadora dessa confusão toda – esse problema simplesmente não existia. Porque pra pra você, e pra boa parte das pessoas, eu sou a Branca. Mas pra mim, pra ela, e pra quem me conheceu antes dos vinte anos, eu sou a Quinha.

Por isso, sempre que eu reclamava com a minha mãe sobre essa maluquice dos telefones, ela dizia: “ué, que que tem?”

Ela é a Branca. Eu sou a Quinha.

Zero confusão identitária.

Às vezes calhava de ela tá na minha casa e atender o telefone.

A pessoa pedia pra falar com a Branca e ela respondia: “sou eu”.

Acho que eu não preciso dizer que o nome da minha filha não é Branca, né?

Acabou aqui essa tradição doida.

Bom, no episódio dessa semana, a gente tem duas histórias sobre identidades trocadas. As pessoas trocadas não têm o mesmo nome, nem são idênticas.

Mas, de repente, elas se vêem ocupando o lugar de outra pessoa – o que, eu posso dizer por experiência própria, é bem desconfortável.

Quem conduz o primeiro ato é a Bárbara Rubira.

ATO 1

Daniel Warren: Foi no dia 20 de outubro de 2018. Tava aquela coisa toda ainda da eleição, sabe? Já estava um clima meio esquisito em todo lugar.

Bárbara Rubira: Dizer que o clima tava esquisito no dia 20 de outubro de 2018 no Brasil é meio dizer que as coisas não tavam muito legais a bordo do Titanic na madrugada de 14 de abril de 1912. No dia 20 de outubro de 2018, o Daniel tava em Lisboa, passando férias, entre o primeiro e o segundo turno das eleições. Mas o WhatsApp não conhece fronteiras nacionais, né.

Daniel Warren: Mas e aí eu tava saindo de um— de um museu lá em Lisboa e eu me lembro muito bem de receber mensagens de vários amigos, de lugares diferentes, não do mesmo lugar, sabe, assim? Um primo, um amigo do teatro, outro que fez a novela comigo, uma pessoa que eu não via fazia muito tempo, todos me perguntando assim: "Oi, Daniel, tudo bem?". Às vezes era só isso: "Oi, Daniel, tudo bem?", ou "Oi, Daniel, cê tá bem?", "Oi, Daniel, aconteceu alguma coisa?"

Bárbara Rubira: Tava, sim, tudo bem. Aliás, tava tudo ótimo. Ele não tava postando muita coisa da viagem nas redes, mas não tinha acontecido nada, a princípio, que pudesse gerar preocupação em ninguém.

Daniel Warren: E eu falei "Ué, mas por que será que estou recebendo todas essas mensagens esquisitas, assim, todas no mesmo dia?". Saindo desse lugar, quando eu fui ver, o meu celular estava cheio dessas mensagens. E logo em seguida, me ligou um amigo, um amigo muito querido... E ligou pra Andrea, minha companheira. Falou: "Escuta, eu tô tentando ligar para o Dani, eu não tô conseguindo, tá tudo bem com ele?". Aí a Andrea respondeu: "Sim, claro, a gente tá aqui saindo do museu, não tem nada errado", tal. E aí ele explicou, falou: "Olha, é o seguinte, é porque a gente entrou aqui na internet e tal e tá havendo muitos comentários dizendo que... é... que ele morreu. E aí... a Andrea ouviu aquilo, me falou e passou o telefone pra mim e eu falei "Não, tá tudo bem", e tal. Eu não conseguia entender nada na hora. Eu falei: "Mas escuta, o que que será... O que que foi? Será que eu fiz alguma coisa? Ou eu falei alguma coisa, que as pessoas podem ter achado isso?" Eu comecei a achar que tinha sido alguma coisa que eu tinha feito.

Bárbara Rubira: O Daniel não tava entendendo nada, mas achou por bem dar um sinal de vida — literalmente — no Instagram dele, pra tranquilizar qualquer amigo ou seguidor que pudesse ter se preocupado.

Daniel: Olá, pessoal. Eu estou aqui só pra fazer um esclarecimento: eu estou bem vivo e feliz. Não sei o que aconteceu, mas... Talvez porque eu não tenha postado coisas ultimamente, porque eu estou de férias... Mas o pessoal

*começou até a falar que eu tinha morrido. Meu Deus do céu!
Não! Estou aqui, estou muito feliz, de férias! Tá bom, gente?*

Bárbara Rubira: No vídeo, o Daniel tá rindo... mas, na verdade, ele não tava achando muita graça nisso, não.

Daniel Warren: Fiquei atônito. Sem, sem, sem reação. Com raiva também. Porque... Porque eu não conseguia entender. Muita angústia mesmo. Sim, porque eu não estava entendendo. E aí comecei a responder as pessoas, e aí comecei a pesquisar o meu nome junto com... é, isso... E aí comecei a ver que tinha realmente comentários e... E, putz, em um monte de lugar no Instagram, no Twitter, é.... e notícias também. Fui ver, tinha até jornalista que tinha dado também a notícia com o meu nome.

Bárbara Rubira: Não sei se cê já ouviu alguma história de gente que forjou a própria morte, com velório e tudo. Sim, isso acontece, e não é só em novela. Eu mesma já entrevistei um cara que aprontou uma dessas. Mas isso é outra história e vou deixar o link lá no site da Rádio Novelo, se você quiser ler. Em teoria, a ideia por trás dessa pataquada é saber como seria a reação das pessoas.

Daniel Warren: É... "Descanse em paz".

Bárbara Rubira: Tipo: quem será que vai no meu velório?

Eles vão chorar? Vão ficar tristes?

De que jeito eles vão lembrar de mim, quando eu não tiver mais aqui?

Daniel Warren: "Poxa, eu gostava muito dessa pessoa".

Bárbara Rubira: Bom, o Daniel meio que teve essa experiência.

De poder sentir o carinho das pessoas... sentir que ele tinha marcado a vida delas.

Podia ter sido um momento lindo.

Mas pra ele não bateu assim.

Daniel Warren: É uma sensação muito ruim, sabe? Porque realmente parece que você morreu mesmo e tá vendo as pessoas comentando, você fica com uma sensação mesmo que parece que... O que que será que tá acontecendo, gente? É um... Quase que você é destampado sem sair da

realidade e você está fora, olhando tudo de fora e falando "Não, eu morri, mas eu não... Tô aqui". E aí eu fiquei muito assustado. Quando aconteceu, fiquei muito assustado mesmo. Fiquei assim, bem esquisito durante vários dias assim, sabe?

Bárbara Rubira: Ok, talvez cê seja pensando: "ué, mas se ele desmentiu, tá tudo certo, né?". E, sim, seria assim pra mim, pra você, pra qualquer um que tivesse uma quantidade limitada, alcançável de conhecidos pra avisar que tá tudo certo. No meu caso, eu ia falar com os meus pais, mandar um alô nos grupos de zap de amigos que tivessem comentando, no máximo fazer um vídeo no Instagram, como o Daniel fez... Só que com ele não foi assim. Com ele, a coisa tomou uma proporção muito maior. Porque a maioria das pessoas que tavam ali, repercutindo a "morte" dele na internet, ele não conhecia.

Daniel Warren: Mas me pegou muito desprevenido, eu me senti assim, muito violentado, sabe? Sem saber da onde que veio tudo isso. E foi um golpe. Foi um golpe, assim. Um golpe meio violento que eu não sei da onde que veio.

Bárbara Rubira: Demorou uns dias depois desse baque inicial pro Daniel entender de onde tinha vindo toda essa confusão. Mas antes de te contar, eu preciso voltar um pouquinho no tempo.

Daniel Warren: Eu tava, acho que na primeira, segunda série do fundamental... Eu tava, sei lá, com nove, dez anos. E aí fui fazer um curso extra no colégio e não parei nunca mais.

Bárbara Rubira: Esse "curso extra" que o Daniel foi fazer era de teatro. Ele se apaixonou de cara. E ele era bom nisso. A ponto de que, quando ele tinha uns 17 pra 18 anos (nessa altura, um veterano, já), ele passou de pupilo pra mestre.

Daniel Warren: O professor me chamou para ser assistente dele. Fiquei sendo assistente durante um tempo, e aí depois ele precisou viajar e ficar um tempo fora e aí eu assumi as turmas. Então foi assim que eu passei a ser professor e eu fiquei lá...

Bárbara Rubira: Nessa de virar professor, o Daniel descobriu outro talento: que levava jeito pra lidar com criança. Além de dar aula, ele também atuava, claro.

Nos palcos, e também em um ou outro comercial na TV. É possível que, olhando a cara dele, você lembre de algum comercial que ele tenha feito nessa época, juvenzinho. Ou em alguma peça com ele, quem sabe.

Mas se você tem mais ou menos a minha idade...

Quer dizer: se você era criança ali na primeira década dos anos 2000... é bem possível que o Daniel seja bem mais familiar pra você.

É bem capaz, aliás, de você já ter reconhecido ele só pela voz. Porque, de 2000 a 2012, o Daniel apresentou um programa de TV.

Daniel Warren: É, então, você assistia, né, cara? Que loucura... É, é muito louco porque passou durante muito tempo e eu tô encontrando agora as pessoas assim, sabe? Tipo, adultas, com filho e tal, e que assistiam o Art Attack e é muito louco... Enfim.

Bárbara Rubira: Eu sou uma adulta sem filhos, mas eu fui um dia uma criança que assistia o Art Attack. Era um programa que passava no Disney Channel, um canal de TV a cabo.

Daniel: Olá, pessoal, bem vindos ao Art Attack da Disney! Aqui a gente prova que você não precisa ser artista nenhum pra poder fazer arte. E então, vamos fazer arte?

Daniel Warren: É um programa que ensina manualidade pra criança, de fazer papel machê, pegar embalagens usadas e transformar em outra coisa, alguns conceitos de arte, de pintura, enfim.

Daniel: Bom, pra fazer um morcego batedor de asas como esse, você vai precisar primeiro de um tubo de papel higiênico vazio...

Daniel Warren: O Art Attack é um programa que foi idealizado e apresentado por um cara que se chama Neil Buchanan.

Neil: Take a piece of cardboard box card and start by drawing an angry mouth. Now,...

Bárbara Rubira: O Neil Buchanan é inglês, e esse Art Attack original estreou com ele nos anos 90, no canal britânico ITV.

Daniel Warren: E aí a Disney comprou os direitos e começou a fazer versões.

Bárbara Rubira: Versões em idiomas diferentes, pra mercados e públicos diferentes ao redor do mundo. E um deles era o Brasil.

Daniel Warren: Me chamaram para fazer um teste, como as produtoras de elenco me chamavam para fazer publicidade. "Olha, tem o seu perfil", tal. Eles pediam... é um perfil bem específico. São pessoas bem do meu tipo. Eu sou baixinho, tenho 1,68, sou bem magrinho, pequeno e tenho o cabelo moreno. Enfim, se você for ver os apresentadores do Art Attack, eles são todos o mesmo, o mesmo talho, assim, é impressionante, tem muito pouca variação.

Bárbara Rubira: Atores jovens, brancos, pequenos e de cabelo castanho. O Daniel ainda passou na frente no teste por saber se comunicar super bem com crianças, e por falar bem inglês... Porque as primeiras temporadas do programa foram gravadas lá na Inglaterra.

Daniel Warren: Então eu ia pra lá e gravava lá no estúdio onde era gravado o Art Attack original, mesmo...

Bárbara Rubira: E ele ficava lá por, tipo, uns três meses de cada vez, pra gravar a temporada toda. Essas maratonas de gravação eram feitas de uma vez só, com os apresentadores de todas as versões internacionais.

Daniel Warren: Eles faziam uma gravação em que iam dois apresentadores. Na hora da gravação a gente trocava os turnos tal e e... Então eu já conhecia, eu conheci alguns apresentadores de outros países, sabe? Eu conheci o apresentador da Espanha, eu conheci o apresentador do México... O Art Attack foi realmente esse grande projeto que eu... Foi meu primeiro grande projeto, assim, que eu fiz, sabe, de audiovisual.

Bárbara Rubira: O Daniel apresentou o Art Attack de 2000 até 2012. Depois, vieram outros apresentadores brasileiros, mas nenhum foi tão longo nem tão marcante quanto ele. Bom, isso pelo menos pra mim, que já era crescida e não assistia mais o programa quando ele saiu.

Daniel Warren: ... e eu continuei minha vida de ator, e fui fazendo teatro. E em 2017 acabei pegando um papel pra fazer uma novela na Globo que chamava Deus Salve o Rei...

Bárbara Rubira: O Daniel acabou ganhando uma graninha com esse papel na novela, e resolveu tirar férias... em Portugal... em outubro de 2018, entre os dois turnos das eleições... quando o Daniel descobriu que tinha morrido na internet.

Daniel Warren: Eu lembro disso, de ligar pra minha mãe, pro meu pai e falar: "Olha, aconteceu isso. Se chegar uma informação assim, fiquem tranquilos, não aconteceu nada..." Isso, isso, isso, sabe?

Bárbara Rubira: Dava pra ligar pra mãe... pro pai... pros amigos mais chegados... mas o Daniel era conhecido de muito mais gente do que quem tava nos contatos dele.

[leitura de tuítes]

"Gente, é sério que o carinha do Art Attack morreu?"

"O apresentador do Art Attack morreu, irmão"

"Tô chocada que ele morreu"

"Como assim o cara do Art Attack morreu?"

Bárbara Rubira: E ele lá, de férias na Europa... vivo e angustiado... sem entender nada.

Daniel Warren: E eu lá comecei a fazer essa coisa de falar: "Não, eu tô vivo, eu tô vivo, eu tô vivo" e falando, comentando nos comentários das pessoas, sabe? E... sei lá, é uma sensação muito maluca de você tá tentando provar que você tá vivo, num lugar que é virtual. E teve alguns casos que eu falava que eu tava vivo e a pessoa não acreditava e falava "Ah, não, isso é fake, e tal. Você está querendo se aproveitar". E no meio de tudo isso, várias histórias, sabe? "Ah, ele se jogou no trilho do trem." "Ele tomou comprimidos, a filha dele morreu e por isso ele se... tirou a própria vida." Então muitas, muitas histórias, sabe? Eu fiquei um bom tempo sem entender o que tinha acontecido. Aí eu fui pesquisar sobre o assunto, e aí fui vendo os posts, fui tentando entender da onde que tinha vindo essa

história. Isso, depois de dias, sabe? E aí eu saquei o que aconteceu. E que tem a ver com o fato dos apresentadores do Art Attack serem muito parecidos. Então eu descobri que, em 2008, um apresentador do Art Attack que se chamava Rui Torres, era o apresentador da versão mexicana do programa...

***Rui Torres:** ¡Hola! Bienvenido a Art Attack, de Disney. Este es el programa que te muestra que no necesitas ser un experto para ser un gran artista!*

Bárbara Rubira: O Rui Torres era, sim, mexicano, mas a versão que ele apresentou do Art Attack não ia só pro México. Passava em vários outros países da América Latina que falam espanhol.

Daniel Warren: Inclusive, eu tinha... Eu conheci ele em uma dessas gravações, uma dessas temporadas que eu gravei lá na Inglaterra. Eu cruzei com ele. Ele era a dupla lá, que a gente gravava. Então a gente jantou junto, comeu junto, saiu junto lá na Inglaterra e fiquei sabendo que ele tinha tirado a própria vida e que a história era com ele.

Bárbara Rubira: Era o Rui Torres, na verdade, o apresentador do Art Attack que tinha morrido. Ele tinha morrido, aliás, em fevereiro de 2008. Quer dizer: dez anos antes de toda essa confusão chegar no Daniel. Aliás, o Daniel até tinha ouvido falar da morte do Rui Torres uns anos antes, pela produção do programa. Mas nessa hora, ele não ligou os pontos. E, na verdade, quando o Rui Torres morreu, ele mesmo já não apresentava o programa há alguns anos. Tem vários boatos que circulam na internet sobre as circunstâncias da morte dele, mas nada que tenha sido confirmado.

Daniel Warren: Mas em algum momento ali alguém fez um post, talvez no México, e alguém do Brasil viu e achou que era eu. Porque também essa coisa das versões do programa, ninguém sabia. Todo mundo achava talvez que era um programa só, né?

Bárbara Rubira: Atores com o mesmo tipo físico, apresentando um mesmo programa infantil, com o mesmo figurino... Parece razoável que ninguém soubesse

muito bem diferenciar um apresentador do outro, né? Então... se começa a circular por aí uma notícia de que o "apresentador do Art Attack" morreu...

Ninguém vai se perguntar: "Mas qual deles?"

Daniel Warren: Tinha um apresentador, o Emiliano... Ele fazia pra América Latina... Ah, eu tenho o contato dele também! Eu vou perguntar para ele. Eu vou mandar uma mensagem pra ele.

Bárbara Rubira: Essa coisa da confusão entre os apresentadores tinha me deixado com uma pulga atrás da orelha: Se aqui no Brasil, a morte do Rui Torres tinha repercutido anos depois, e gerado todo esse quiproquó...Será que isso não rolou também com outros apresentadores?

Emiliano Pandelo: Bueno, ahí está. Está grabando. Bueno, yo soy Emiliano Pandelo. Soy actor, soy artista plástico. Tengo 41 años y hago teatro desde que tengo 16 años.

Bárbara Rubira: Então eu tomei coragem e resolvi gastar todo o meu espanhol pra ligar pro Emiliano Pandelo, um antigo colega do Daniel.

Bárbara: En primer lugar, muchas gracias y... te pido un poquito de paciencia con la cuestión del idioma. En mi CV, yo digo que tengo el español avanzado. Pero hoy vamos a ver si de hecho lo es.

Emiliano Pandelo: Si, si, yo creo que si que es avanzado. Y bueno, en una época de mi vida lo conocí a Daniel porque hice un programa para televisión que se llamaba — o se llama, se puede seguir viendo hoy día — se llama Art Attack...

***Emiliano Pandelo:** ¡Hola! Bienvenido a Art Attack, el programa que te demuestra que no necesitas ser un experto para ser un gran artista!*

Bárbara Rubira: Apesar de disfarçar o sotaque portenho no programa, o Emiliano é argentino. E ele foi um dos atores que apresentaram a versão em espanhol latino-americano do Art Attack.

Emiliano Pandelo: Fueron tres temporadas de más o menos 27 capítulos...

Bárbara Rubira: O Emiliano foi escalado pra ser apresentador do programa em 2010. Quer dizer: quando ele assumiu, o antecessor dele, o Rui Torres, já tinha morrido. Mas isso não significa que a confusão não tenha respingado nele também.

Emiliano Pandelo: Yo tengo un una cosa que se llama Google Alert...

Bárbara Rubira: Anos depois de ter gravado as três temporadas em que ele conduziu o programa, o Emiliano tinha ativado os alertas do Google pro próprio nome. Afinal, ele é ator. Ele queria saber quando tava pipocando alguma matéria, algum comentário, alguma coisa sobre alguma peça de teatro ou outro trabalho dele.

Emiliano Pandelo: Ahí me llegó como una publicación de YouTube.... Que había un video que hablaba como de una maldición y que estaba muerto.

Bárbara Rubira: Ele se deparou com um vídeo no YouTube, que falava de uma suposta maldição envolvendo os apresentadores do Art Attack. Na capa, tinha fotos editadas dele e de outros apresentadores numa vibe meio demoníaca, com olhos vermelhos e tal...

Emiliano Pandelo: Que no lo vi nunca más, ese video, sé que lo bajaron y era un video en el que yo aparecía con unos ojos rojos, este era mi cara y se hablaba un poco así de que se habían muerto todos los conductores, algo así...

Bárbara Rubira: O tal vídeo dizia que todos os apresentadores de Art Attack tinham morrido.

Bárbara: Todos los conductores?

Bárbara Rubira: Tipo...

Emiliano Pandelo: Es como... el set de Art Attack, es como el de Poltergeist.

Emiliano Pandelo: Exacto. Sí, sí, sí. Tal cual. Algo así como El Mago de Oz, que terminan todos mal, y...

Bárbara Rubira: Pior que as maldições de Poltergeist e do Mágico de Oz, né, porque era uma maldição transnacional. Bom, mas o Emiliano nunca mais viu esse tal vídeo, que deve ter sido derrubado — com razão, né? — pouco tempo depois.

Emiliano Pandelo: Una vez como así, paseando con con una amiga, estábamos buscando ver qué aparecía si uno ponía el nombre en Google, el nombre de uno.

Bárbara Rubira: Uma outra vez, ele decidiu jogar o próprio nome na busca do Google, pra ver o que aparecia. Quem nunca, né? E nessa, o Google automaticamente sugere alguns complementos pra pesquisa.

Essas sugestões, claro, vêm do algoritmo.

Então elas dependem da sua localização, do seu histórico de busca, etc. – mas também do que as pessoas em geral associam ao seu nome.

Emiliano Pandelo: Entonces yo puse Emiliano Pandelo, y me ofrecía como primera opción: "Emiliano Pandelo ha muerto?", decía.

Bárbara Rubira: Logo na primeira ocorrência na busca no Google apareceu pra ele: "Emiliano Pandelo morreu". Mas o impacto dessa suposta morte não abalou o Emiliano, nem os conhecidos dele como aconteceu com o Daniel Warren.

Emiliano Pandelo: Pero bueno, nada. Después como que no, por suerte no tuve ningún familiar preocupado, ningún amigo que me diga "Pensé que te habías muerto". Por suerte no me pasó eso. Creo que nunca le di mucha importancia...

Bárbara Rubira: Com o Emiliano, não teve ninguém ligando preocupado, não rolou aquele desespero, aquela angústia de ver um monte de gente lamentando a morte dele com ele vivo. Talvez isso diga alguma coisa sobre a internet brasileira...

Mas, pra ele, ficou por aí.

Uma anedota meio curiosa, uma confusão simples, que depois de um tempo, ele deixou de lado, até meio que esqueceu.

Com o Daniel, não foi bem assim.

Daniel Warren: É engraçado, eu comecei a perceber que existem umas ondas assim de... Mas olha, basicamente, acho que todos os anos, em algum momento do ano, essa história surge de novo. Eu não sou muito assíduo de todas as redes sociais, eu tenho um Instagram, uma conta no Instagram. Não uso o Facebook, o Twitter e nem o TikTok. Mas aí fico sabendo por pessoas que me falam "olha, lá no Twitter tem alguém falando que você morreu", tal ou "ah, lá no TikTok tá um vídeo com a sua foto dizendo que você morreu". Daí eu tenho que ir lá e escrever...

Bárbara Rubira: O Daniel me mandou vários prints — recentes! — de gente indo no Instagram dele pra comentar coisas do tipo: "ué, mas tu não tinha morrido?" Alguns comentários incluem ainda umas descrições meio gráficas da suposta causa da morte dele. Eu vou deixar alguns deles pra você ver – se quiser – lá no site da Rádio Novelo. Pro Daniel, essa confusão que começou em 2018 parece que não tem fim. Aliás, além de não saber quando, onde e se isso vai acabar... é difícil de saber também onde começa.

Porque, recapitulando: o Rui Torres – o apresentador mexicano do Art Attack, morreu em 2008.

Essa história só foi respingar no Daniel mais de 10 anos depois.

Foi em outubro de 2018 que o Daniel começou a receber aquelas mensagens estranhas e ler aqueles comentários nas redes.

Daniel Warren: E aí, dez anos depois, por esses caminhos da internet, que isso... É... Eu até tentei saber qual que foi a fonte, mas eu não consegui.

Bárbara Rubira: Eu também procurei e não consegui encontrar um "marco zero" pra essa confusão toda. Uma primeira matéria, um primeiro vídeo, um post, sei lá, que tenha gerado esse burburinho em 2018. Os primeiros tuítes que aparecem pra mim de brasileiros comentando a morte de um apresentador do Art Attack são do dia 17 de outubro de 2018 – dias antes disso chegar no Daniel.

Então a minha aposta é que, nesse dia, alguma coisa foi publicada.

Algum texto, em algum site, lembrando os apresentadores... quem sabe?

Um daqueles clássicos "por onde anda?"

Ou talvez alguma outra coisa mais sensacionalista e mentirosa – tipo um vídeo sobre uma suposta maldição que assombrou os bastidores do programa, no estilo daquele que o Emiliano encontrou...

O que quer que fosse, é provável que já tenha sido apagado ou saído do ar.

Mas fato é que, quando essa publicação caiu na internet brasileira, sem ninguém se ligar de que o programa tinha várias versões ao redor do mundo — e portanto, vários apresentadores... a confusão tava instaurada.

Se um apresentador do Art Attack morreu... e o Daniel era o apresentador que eu lembro... então foi o Daniel que morreu!

E aí, no boca a boca, no disse me disse... a coisa sai de controle muito rápido. É até curioso que isso tenha acontecido em outubro de 2018, né? Cê lembra de cabeça qual foi o primeiro lugar em que publicaram a história da mamadeira de piroca?

Claro que a história da suposta morte do Daniel Warren não saiu do "gabinete do ódio", nem tinha o intuito de influenciar eleição nenhuma. Tem muito mais cara de confusão genuína do que de campanha de desinformação coordenada. Mas ainda assim é uma informação falsa, circulando por aí. E que, por mais que o Daniel tente desmentir há anos, de tempos em tempos surge de volta, num ciclo interminável.

Daniel Warren: Geralmente quando eu ponho o meu nome lá no Google, aparece uma matéria lá do.... Não sei da onde que é, mas falando "apresentador do Art Attack morreu".

Bárbara Rubira: Eu fiz o teste aqui. Se eu jogar no Google só "Daniel Warren", essa matéria que ele falou não tá na primeira página. Agora, quando eu pesquiso: "Daniel Warren morreu", é um dos primeiros resultados que aparecem pra mim.

A matéria é do portal TV Foco. E tá datada de novembro de 2021.

O título é o seguinte: *"Famoso apresentador de TV do Brasil comete suicídio e deixa país em luto"*.

Daniel Warren: E aí depois quando você clica na matéria, vira uma outra coisa. E aí não fala que eu morri.

Bárbara Rubira: Quando eu clico no link, a foto que ilustra a matéria é do Rui Torres, o apresentador mexicano. E o texto começa falando dele mesmo.

Tá lá, na linha fina: *"Apresentador Rui Torres, conhecido por comandar o "Art Attack" latino-americano, da Disney, cometeu suicídio em 2008"*.

E aqui, um parênteses importante: eu comentei isso antes, mas eu não encontrei nenhuma fonte que confirme como foi que o Rui Torres morreu.

Esse boato do suicídio é um que aparece bastante em tuítes e comentários – e até em matérias, como essa. Mas sempre sem fonte nenhuma pra essa informação.

É lá no terceiro parágrafo do texto que o nome do Daniel aparece, esclarecendo a diferença entre os apresentadores: *"O 'Art Attack' latino passava em vários países, com exceção do Brasil, que tinha uma versão própria apresentada em português por Daniel Warren"*.

Daniel Warren: Mas a primeira coisa do link ali é essa.

Bárbara Rubira: Tem um problema aí, né?

Quer dizer, tem vários problemas.

O texto tá claramente repercutindo a morte do Rui Torres, o apresentador mexicano. Com mais dez anos de atraso, mas tá.

E, bom, ele faz isso cravando uma causa da morte e todo um contexto que nunca foi confirmado por ninguém.

O primeiro problema tá aí.

Mas a manchete é bastante problemática, também, né?

Ela fala da morte de um "famoso apresentador de TV do Brasil".

O Rui Torres não era brasileiro.

E a versão do programa que ele apresentou também não era.

Aliás, pelo que eu sei, a versão apresentada por ele nunca foi transmitida aqui.

Tá, lá dentro, depois que você clica, a informação tá certinha. Mas, convenhamos...

A gente sabe bem que nem todo mundo que lê a manchete clica na matéria.

E que nem todo mundo que clica na matéria lê o texto até o final.

E, independente disso, o que tá no título é, indiscutivelmente, uma informação falsa. Então, por que foi publicada assim?

Paulo Vito: Porque... Na época, o site tava mais... Como eu posso dizer? Eu não quero usar a palavra sensacionalista, apesar de ser, mas o site tava buscando mais audiência, então precisava no mínimo causar algum tipo de identificação no público. Então, às vezes, por exemplo, se eu sugiro um título, o título pode estar condizente com aquilo que está no texto, mas os editores do site precisam de algum ponto de isca para que o público tenha essa identificação. Muitas vezes era isso que acontecia.

Bárbara Rubira: Esse que tá falando é o Paulo Vito. O Paulo é jornalista e trabalhou por muito tempo como redator no TV Foco – o site onde a matéria foi publicada. É ele, aliás, que assina essa matéria que eu citei aqui.

Bárbara: Ou seja, de fato, o título tá errado. Mas talvez não tenha sido você que escreveu o título. Ele foi mudado ali para ficar mais atraente, digamos. Pra caçar mais clique.

Paulo: Exatamente isso.

Bárbara Rubira: O Paulo não lembra se a primeira versão que ele escreveu do texto tinha esse título, ou se ele foi alterado por algum editor depois. E eu não esperava mesmo que ele lembrasse de tudo. Afinal, eu nem imagino quantos textos como esse ele precisava fazer todos os dias no site.

Paulo Vito: Então, eu lembrava... Nossa, brevemente. Assim, quando você comentou, quando você me chamou pela primeira vez, eu até fiquei "Nossa, mas esse é só mais um dos milhares que eu escrevi nos últimos dias, nos últimos meses".

Bárbara Rubira: Mas eu queria muito conversar com ele pra entender um pouco dos bastidores desse trabalho. Aliás: no comecinho da conversa, ele falou que "na época" o site tava atrás de mais audiência... mas no dia que eu entrevistei o Paulo Vito, a manchete no site da TV Foco era: "Parada cardiorrespiratória: A triste morte de um dos apresentadores do Jornal Nacional e luto geral na Globo". A foto é da bancada atual do Jornal Nacional... abre falando da grande audiência... tem um segundo parágrafo falando do William Bonner... e é só no quarto parágrafo

da matéria que eles falam que quem afinal morreu de parada cardiorrespiratória: foi o Hilton Gomes, que dividiu a bancada com o Cid Moreira até os anos 70... e que morreu em 1999!

Tipo, não tinha razão nenhuma pra requestrar essa morte agora do Hilton Gomes, mais de 20 anos depois de ele morrer, e mais de 40 anos depois de ele deixar a bancada do Jornal Nacional... e ainda abrindo o texto falando do William Bonner... É o famoso caça-clique – não muito diferente dos clássicos "aumente seu pênis", e "veja como esses atores envelheceram". Só que usando como gancho uma pessoa famosa – ou a sugestão de uma pessoa famosa.

Paulo Vito: Quando a gente escreveu esse texto, quando me mandaram pra escrever esse texto, foi uma época que esse assunto do suicídio tava dando audiência para o site. Então, a gente buscava situações trágicas para poder repercutir novamente. Então a pesquisa era fácil, né? "Artistas que cometeram suicídio". Aí apareceu esse aí. Cada redator vai fazendo um nome, entende?

Bárbara Rubira: E é engraçado que tem outros textos, nesse mesmo portal, assinados por outros redatores, repercutindo essa mesma história do apresentador que morreu de novo e de novo. Em março do ano passado, a notícia velha apareceu mais uma vez, com uma imagem de luto, dessa vez falando de um "famoso apresentador, amado no Brasil". É a mesma história do Rui Torres, requestrada.

Paulo: O que a gente fazia mais era.... é pegar assuntos que já repercutiram, dar uma nova roupagem. Durante muito tempo, a gente fazia textos de situações muito antigas, como se tivessem acabado de acontecer, para que as pessoas realmente clicassem.

Bárbara: O foco sempre na repercussão e no clique, porque é isso que vai trazer, no caso, a monetização do site, eu imagino.

Paulo: Isso, exatamente. O clique traz o dinheiro pro site.

Bárbara Rubira: A lógica é bem simples, na verdade: notícia de morte dá audiência. A suposta morte trágica de um apresentador que marcou a sua infância vai fazer você clicar. E depois compartilhar, comentar a notícia no Twitter, contar pros amigos, que vão comentar e contar pra outros amigos, e por aí vai.

E no meio desse telefone sem fio, o Daniel descobre, de tempos em tempos, que ele morreu de novo. Agora: por mais que a manchete torta da TV Foco tenha ajudado a alimentar a confusão sobre a morte do Daniel Warren – e continue alimentando, né? – não foi ela quem inaugurou essa confusão.

Porque aquela viagem do Daniel foi em 2018... e esse texto em específico saiu só em 2021, três anos depois.

Quer dizer: não é só a TV Foco o problema.

Daniel Warren: Assim, no começo da história, que eu fiquei muito abalado com isso, a minha primeira reação foi: "Gente, eu preciso fazer alguma coisa". E cheguei a pedir orientação pra um advogado e ele notificou extrajudicialmente o Google, mas eu não tive nem resposta. Eles nem me responderam o e-mail que eu mandei para eles, explicando a história e falando: "Olha, isso tá me prejudicando". Porque o que acontece? No Google, se você... Até hoje, na página inicial do Google, se você vai lá e digita o meu nome, uma das sugestões de pesquisa é "se matou", ou "Daniel Warren morreu", tal. E poxa, eu falei isso, isso deve estar me prejudicando. Eu sou ator, imagina só se alguém quiser me contratar, põe o meu nome lá no google e fala: "Poxa, a pessoa faleceu". Eu devo ter provavelmente perdido algum trabalho por causa disso. E era justamente essa justificativa que a gente deu quando a gente, quando a gente notificou o Google, mas eles nem... Nem me responderam. Esse advogado falou "a gente vai notificar extrajudicialmente, se não houver resposta, aí a gente pode entrar com o processo". Só que aí entrar com processo é aquela coisa: eu preciso investir uma grana, reunir uma coisa que eu vou estar eu, Daniel Warren, diante de um advogado do Google, por exemplo. E aí eu falei o que que eu posso diante disso, né? Não vou poder muita coisa, a não ser que eu faça uma ação reunindo várias outras pessoas e que ela se torne importante e tal. E aí eu meio que desisti um pouco no meio do caminho, sabe? De brigar.

Bárbara Rubira: O Daniel desistiu de comprar briga judicialmente.

Mas essa história toda despertou nele o interesse em mergulhar nesse tema.

Daniel Warren: E aí depois disso é que eu comecei a me interessar e pesquisar muito sobre o tema internet, algoritmos, big data. Nossa, e aí li muito, pesquisei muito, tenho até um projeto meu de teatro que eu quero fazer, que tem a ver com isso... Eu fiquei muito tocado por esse, por esse aspecto de como a nossa vida está sendo transformada e de como esse mundo virtual, ele tá influenciando no mundo real.

Bárbara Rubira: Bom, acho que eu, você, todo mundo nos últimos anos já vimos o estrago que a desinformação desenfreada nas redes sociais é capaz de fazer. Ela consegue eleger e derrubar presidentes...

Convencer milhões de pessoas de que vacina não funciona e que o que vai te proteger mesmo de um vírus como o da covid é remédio pra piolho...

Entre outras coisas, das mais banais às mais graves.

Tem muita discussão rolando mundo afora sobre a responsabilidade que as próprias plataformas: o Google, o Facebook, o Twitter — ou o X, se um dia esse nome pegar... — a responsabilidade que essas grandes empresas têm sobre isso.

Daniel Warren: Será que é muito difícil de conter? Ou o modelo de negócios dele premia coisas que são polêmicas, coisas que são violentas, coisas que são que geram medo e tal, porque isso gera engajamento e o engajamento é o que eles estão querendo. Então... Ao meu ver daria para se regular tudo isso, mas é a mesma coisa que chegar... É a mesma coisa que chegar e falar: "Olha, você que vende morango, você não vai poder mais vender morango, você vai ter que vender outra coisa". Então, não sei como que vai ser essa essa regulação, mas ela vai ter que de algum jeito acontecer.

Bárbara Rubira: E, igual ao Daniel, tem muita gente por aí que não sente que tem condições de brigar com uma coisa desse tamanho.

Daniel Warren: Muitas pessoas já inclusive morreram por causa de... Morreram mesmo, de verdade, por causa de coisas que aconteceram na internet e... Eu tive a oportunidade de morrer mas não morrer para poder contar o que acontece depois. Depois da morte.

Bárbara Rubira: O que acontece depois da morte. Um dos maiores mistérios da humanidade. E contar o que acontece depois da morte é um dos maiores fascínios da arte, da literatura... o Brás Cubas tá aí e não me deixa mentir.

Nas Memórias póstumas dele, o fato de ter morrido dá pro Brás uma outra visão do mundo. Um desprendimento que deixa ele admitir que a vida que ele viveu era medíocre, que as preocupações dele eram fúteis, e que a sociedade elegante em que ele vivia era um tanto patética. O fato de ter morrido é um alívio imenso pra ele, porque ele consegue parar de ligar pra tudo aquilo.

No mundo do Machado de Assis, o Brás Cubas realmente morreu pra poder contar a história. Ao contrário do Daniel, né?

Mas tem uma coisa em comum entre eles, eu acho. Essa capacidade de enxergar o mundo de forma diferente. Com os olhos do além. No caso do Daniel, com olhos bem mais otimistas do que os do Brás Cubas...

Daniel Warren: Eu suspeito que a gente, daqui a alguns anos, se tudo der certo na humanidade, daqui alguns anos, a gente vai estar falando do uso das redes sociais e do jeito que a gente se relaciona com a internet da mesma maneira que a gente fala do cigarro no avião, por exemplo, sabe como é que alguém fumava no avião? Como é que alguém usava a rede social desse jeito? Eu acho que a gente vai. Vai chegar o momento, se Deus quiser, que a gente tenha essa consciência.

Branca Vianna: Essa história foi produzida pela Bárbara Rubira.

A história do Daniel Warren é uma confusão em vida, sobre a morte.

No segundo ato do episódio de hoje, a gente tem uma história sobre uma confusão tardia, pós-mortem, mas que já tá rolando há anos.

Quem conta é a Flora Thomson-DeVeaux.

ATO 2

Flora Thomson-DeVeaux: Eu queria ter a casca mais grossa, mas eu fico muito ansiosa com críticas. Principalmente com projetos grandes, que a gente se dedica

meses, anos... chega a hora de publicar e eu nem sei se eu quero que saia. Com o perdão do português, me dá um cagaço.

Com o Rádio Novelo Apresenta isso acontece um pouco menos. Porque mesmo quando a história sai na minha voz, pelo menos é sempre o produto de muitas mãos, muita gente trabalhando junto. Mas na minha outra carreira, como tradutora, eu me sinto beeeem mais exposta.

No ano passado, eu publiquei uma tradução dos diários amazônicos do Mário de Andrade, de uma viagem que ele fez em 1927, saindo de São Paulo e viajando rio acima. É um livro lindo. O *Turista Aprendiz*. The Apprentice Tourist, ficou em inglês.

Saiu ao mesmo tempo que uma nova tradução do *Macunaíma*, da Katrina Dodson.

Daí, em outubro de 2023, saiu um texto na New York Review of Books, que é uma revista literária super importante. Era do Larry Rohter, que por muito tempo foi o chefe de redação do New York Times no Brasil. Ele tava falando do Mário, e das novas traduções da obra dele. Pensa no meu pânico. Me mandaram a resenha por WhatsApp, eu abri o pdf rapidinho, vi que o Rohter não tinha falado que a minha tradução era um lixo, respirei, fechei o pdf e fui tocar meu dia.

Só que tinha um detalhe. E, quando eu vi, já tinha uma meia dúzia de emails no meu inbox, tudo sobre essa resenha. Tava todo mundo tentando entender que diabos que tinha acontecido.

Carlos Augusto Calil: Eu estou falando com a Flora, é isso?

Flora Thomson-DeVeaux: Sim.

Carlos Augusto Calil: Então. Olá, boa tarde.

Flora Thomson-DeVeaux: Boa tarde.

Carlos Augusto Calil: Prazer em te conhecer. Pelo menos...

Flora Thomson-DeVeaux: Por telefone.

Flora Thomson-DeVeaux: Esse é o Carlos Augusto Calil – que eu conheci primeiro naquela troca de emails, e depois nessa conversa.

Carlos Augusto Calil: sou professor da Escola de Comunicações e Artes da USP, na área de cinema e audiovisual.

Flora Thomson-DeVeaux: A relação do Calil com o Mário é um pouquinho mais antiga do que a minha. Vem lá de 1972, do aniversário de 50 anos da Semana de Arte Moderna. O Calil tava trabalhando no Museu da Imagem e do Som.

Carlos Augusto Calil: Naquela época, quando eu era jovem, enfim, há 50 anos atrás, na celebração do cinquentenário, quem estava na moda era o Oswald. O Mário era tido como uma figura oficial e havia uma certa má vontade em relação a ele.

Flora Thomson-DeVeaux: Diziam que o Mário era careta, chapa branca...

Carlos Augusto Calil: o Mário era um era carola,

Flora Thomson-DeVeaux: Em matéria de Andrades, a moda era exaltar o Oswald e jogar pedra no Mário. Mas com o tempo, o Calil foi vendo as coisas de outro jeito.

Carlos Augusto Calil: E me aproximei então dessa figura fascinante e inesgotável que é Mário de Andrade. Até porque eu fui secretário de Cultura de São Paulo e ele é que criou. Ele foi promovido o primeiro secretário de Cultura do mundo, porque em 35, quando ele assumiu o Departamento de Cultura de São Paulo, eu não conheço até hoje nenhuma experiência, nem brasileiro, nem internacional, de, do poder público atuando diretamente sobre a promoção e a valorização cultural. E mais recentemente, fui convidado para fazer a exposição, a transformação da casa do Mário de Andrade numa casa-museu.

Flora Thomson-DeVeaux: Bom, agora cê tá entendendo por que que o Calil tava numa troca frenética de e-mails sobre uma resenha de obras traduzidas do Mário de Andrade. Mas faltou explicar a treta em si. Dá pra contar a treta de alguns ângulos, com alguns pontos de partida. Mas vamo começar por 2007.

Carlos Augusto Calil: Então, em 2007, o Museu Afro, dirigido por Emanuel Araújo, propôs uma grande celebração do Dia da Consciência Negra, que eles até estenderam para o mês inteiro. Foi uma coisa realmente grande. Para justamente chamar a atenção da nossa cegueira em relação ao reconhecimento da contribuição dos negros, da negritude à cultura brasileira e à civilização brasileira. E uma das duas das atividades de maior impacto foi fazer uma exposição, o Museu Vivo. Eles chamaram de Museu Vivo, uma exposição ao ar livre de grandes, de banners imensos, com fotografias de

negros ilustres. Que as pessoas nem têm, nem tinham noção de que fossem negras. Porque nem todo mundo sabe que Machado de Assis era negro, por exemplo. E figuras aqui de São Paulo que são incorporadas à vida cotidiana e que as pessoas não têm noção de que eram negros. Teodoro Sampaio é uma rua ilustre de Pinheiro. Ninguém necessariamente precisa saber que ele era um engenheiro importantíssimo e que foi fundador da Escola Politécnica.

Flora Thomson-DeVeaux: Eu preciso dizer que eu não sabia que o Teodoro Sampaio era negro. Nem que ele era engenheiro, na verdade, mas enfim. Mas nesses banners, além do Machado e do Teodoro, tinha foto da Chiquinha Gonzaga, do André Rebouças, da Virgínia Bicudo...

Carlos Augusto Calil: E, claro, o Mário de Andrade.

Flora Thomson-DeVeaux: Só que tinha um detalhe. Que não era tão detalhe assim. Tinha a ver com a foto do Mário de Andrade que escolheram pra exposição.

Carlos Augusto Calil: Essa pessoa não é o Mário de Andrade.

Flora Thomson-DeVeaux: O Calil bateu o olho naquela foto enorme e teve certeza. Aquele homem não era o Mário.

Carlos Augusto Calil: Mário Andrade era um homem muito feio, com consciência disso, mas que... muito vaidoso ao mesmo tempo. Ele era quase um dândi.

Flora Thomson-DeVeaux: Além de se vestir muito bem, o Mário era chegado em fotografia. Ele levou uma máquina fotográfica naquela viagem pela Amazônia em que ele escreveu o Turista Aprendiz, e ele fez centenas de fotos lindas. O Mário foi muito fotografado, e se fotografou bastante ao longo da vida.

Carlos Augusto Calil: a iconografia do Mário de Andrade é abundantíssima, é enorme, entendeu? É uma coisa de louco. Tem de todo tipo de fotografia, oficial ou não oficial.

Flora Thomson-DeVeaux: Então, assim, não é como se a gente não conhecesse a cara do Mário de Andrade. E aquela cara naquele banner não era do Mário. Pro Calil tava claro, e ele levou essa informação pra organização... mas ele não queria falar sozinho. Então ele chamou dois testemunhas:

Carlos Augusto Calil: o Antonio Candido, que tinha convivido com ele, que tinha casado com a prima dele. E Telê Ancona Lopez, que era a maior especialista de Mário de Andrade, ainda é.

Flora Thomson-DeVeaux: A Telê Ancona Lopez e o Antonio Candido foram lá, olharam, e falaram: não. Não é o Mário. Eu não sei o quão clara que tá a imagem do Mário de Andrade na sua cabeça. Um cara com o rosto grande, a cabeça grande, bem calvo, oclinhos, um queixo proeminente meio arredondado, uma boca grande.

Se você bater o olho naquela foto que apareceu no banner do Mês da Consciência Negra, talvez cê não estranhe. Tá lá no nosso site, aliás, pra quem quiser dar uma olhada. A foto é um retrato de um homem de terno e gravata, de oclinhos, com a testa proeminente. Mas pro Calil, pra Telê, e pro Antonio Candido, tinha várias coisas que não batiam.

Carlos Augusto Calil: o nariz adunco do sósia. Mário não tinha o nariz adunco. O sósia era estrábico. Mário não era estrábico.

Flora Thomson-DeVeaux: O que eles sabiam com certeza é que aquele homem não era o Mário. Mas pintou uma suspeita sobre quem que ele poderia ser. Porque o Mário tinha um quase homônimo.

Carlos Augusto Calil: um homônimo do Mário, o tal, o meu chamado xará maravilhoso, porque o Mário gostava de futebol e saía de casa da casa dele, que era da Barra Funda, e ia lá pro Jardins, para a sede do Clube Atlético Paulistano, onde o Mário Andrada e Silva, que era um grande jogador de futebol dessa época.

Flora Thomson-DeVeaux: O Mário Andrada fazia duplinha com o Friedenreich, que era o grande artilheiro naquela época do futebol não profissional. Daí o Mário de Andrade, que torcia pro time do Mário Andrada, brincava com isso.

Carlos Augusto Calil: o Mário que incorporou isso na Paulicéia desvairada. Ele faz lá uma alusão ao “meu xará maravilhoso xará maravilhoso”, o Mário Andrada.

Flora Thomson-DeVeaux: O Calil gostou tanto dessa versão da confusão, que ele ficou acreditando nela. E ali, em 2007, a história não foi muito adiante.

Dáí, corta pra 2015: o Mário foi o autor homenageado pela Flip, a Festa Literária Internacional de Paraty – e o mistério ressurgiu. Saiu até uma matéria n'O Globo a respeito, falando dessa possível confusão entre Andrade e Andrada.

Carlos Augusto Calil: inclusive induzi o Maurício Meirelles, o repórter do Globo, a erro, dizendo, afirmando isso.

Flora Thomson-DeVeaux: Só que um pouco depois, quando o Calil tava mexendo com o acervo da Casa-Museu do Mário escritor, ele chegou a receber fotos do Mário jogador de futebol.

Carlos Augusto Calil: eu vi que não era nada, não era aquela fotografia, aquela imagem não era o homônimo.

Flora Thomson-DeVeaux: A gente colocou algumas fotos do Mário Andrada também lá na página desse episódio no site da Rádio Novelo. E assim... se o homem não-identificado só parece um pouco com o Mário de Andrade, o Mário Andrada não parece nada. Quer dizer: voltamos à estaca zero. O homem da foto não era o Mário. Nem o Andrade nem o Andrada. Então quem era ele?

Rita Lunardi: Então, meu avô é negro, tem um rosto, eu acho que ele tem o rosto mais alongado, ele é um pouco calvo, né, o lembra um pouco a testa do do Mário. Ele está de terno nesse momento, ele está de oclinhos. Também usava óculos. Só que o meu avô, ele tem um probleminha, tinha um probleminha na vista, é uma vista um pouquinho mais fechada.

Flora Thomson-DeVeaux: Essa é a Rita Lunardi.

Rita Lunardi: Meu nome é Rita de Cássia Lunardi. Eu sou jornalista, publicitária e atriz.

Flora Thomson-DeVeaux: Ela também é professora de publicidade na PUC de Campinas. E ela entrou nessa história alguns anos atrás, um pouco depois daquela Flip homenageando o Mário.

Rita Lunardi: eu fui em alguma exposição. Eu não sei se estava falando especificamente da Semana da Arte Moderna, se estava falando de outra coisa do Mário. E sabe quando você vai procurar alguma coisa, tipo data de nascimento dele, aonde ele nasceu? Eu fui lá e coloquei lá no Google.

Flora Thomson-DeVeaux: Não sei como tá hoje. Mas no momento em que eu tô gravando aqui, e ao longo do tempo que a gente apurou essa história, era assim. Se você jogasse no Google “Mário de Andrade”, aparecia, ou em primeiro, ou em segundo lugar, a foto que não é do Mário de Andrade. A Rita reconheceu aquele homem.

Rita Lunardi: Eu olhei e falei: O que é isso? Meu avô!

Flora Thomson-DeVeaux: Será que era mesmo?

Rita Lunardi: Aí mandei para minha tia, mandei para minha prima, falei: "Gente, essa foto aqui não é do vô? Só que do vô mais novo".

Flora Thomson-DeVeaux: Todo mundo concordou.

Rita Lunardi: E olha, eu procurei essa foto, e essa foto não está com a família. Então eu acho que talvez essa foto, eu não sei se na época, ele como funcionário público, se precisava registrar, por algum motivo se registrou essa foto. E essa foto não veio para a família.

Flora Thomson-DeVeaux: O nome do avô da Rita era Belini Antonio Ferraz. Ele nasceu em Campos dos Goytacazes, no Rio de Janeiro, em 1900, mas morou a maior parte da vida em São Paulo, onde ele morreu em 1973.

Rita Lunardi: Acho que ele falece quando eu tenho uns sete anos. Acho que antigamente a vovó não era uma coisa assim, de sentar no chão, brincar como é hoje. Então era um pouco mais distante.

Flora Thomson-DeVeaux: O Belini foi funcionário público da cidade de São Paulo.

Rita Lunardi: além de ser um servidor público, ele era um professor de violino e também ele fazia perfume. Então ele comprava os vidros, aqueles vidros lindos antigamente, e ele mesmo fazia o perfume e fazia o rótulo. Meu avô tinha uma caligrafia maravilhosa. Ele mesmo fazia os rótulos e vendia na repartição.

Flora Thomson-DeVeaux: Pelo que a Rita me contou, o avô dela parecia ser um homem formal.

Rita Lunardi: eu me lembro muito também, que minha mãe falava que meu avô estava sempre de terno, bem arrumado, porque eles escutavam ele dizer que um negro precisava estar sempre arrumado.

Flora Thomson-DeVeaux: Na nossa conversa, a Rita ficava oscilando entre indignação – porque, afinal, ela é formada em jornalismo, não quer o avô dela fazendo parte de uma informação falsa – e um pouquiinho de orgulho.

Rita Lunardi: Nossa, que demais né? Meu vô estar ali sendo comparado a Mário de Andrade – acho demais. Mas uma coisa não tem nada a ver com a outra.

Flora Thomson-DeVeaux: Alguns anos atrás, a Rita chegou a ir lá na Casa-Museu do Mário e falar prum funcionário que aquela foto que tava circulando por aí era do avô dela. Eles anotaram o telefone dela, mas na época ninguém foi atrás. Esse contato só ressurgiu recentemente, em 2023. Porque quando saiu a resenha das traduções das obras do Mário na New York Review of Books, aquele pdf que eu abri rapidinho e fechei... o texto veio acompanhado de um retrato ilustrado. Uma pintura em aquarela de um homem pardo com a testa avantajada, de óculos. E talvez você seja adivinhando pra onde eu tô indo. Porque o rosto que saiu na New York Review of Books é o do Belini.

Rita Lunardi: Falei: "O que é isso?" Não é possível uma pessoa se passar por outra.

Flora Thomson-DeVeaux: Parece que o artista que a New York Review of Books contratou fez a mesma coisa que a Rita: ele jogou o nome do Mário de Andrade no Google... e aí, você já sabe. Mas o que a Rita queria saber – e o que eu queria saber também – é como que essa foto do Belini foi parar em domínio público em primeiro lugar. O Calil tinha uma pista de quem talvez pudesse me ajudar.

Oswaldo de Camargo: Então cê quer saber a gênese dessa foto. É isso?

Flora Thomson-DeVeaux: Isso, essa é a minha grande questão.

Flora Thomson-DeVeaux: Daí eu fiz mais uma ligação.

Oswaldo de Camargo: O que me espanta é que ele ainda está e está vigendo essa foto, né? Tanto que foi parar nessa publicação.

Flora Thomson-DeVeaux: Pois é.

Oswaldo de Camargo: Pois é, pois é mesmo!

Flora Thomson-DeVeaux: Esse é o Oswaldo de Camargo.

Oswaldo de Camargo: Agora com um adendo fundamental para entender como essa foto foi parar nas minhas mãos. Acontece que eu sou um escritor que elaboro meus textos sempre com a intenção de fazer uma literatura negra. É uma literatura que tem como meta fundamental, uma das metas, além da estética – que eu não concebo a literatura sem estética – tratar da questão do negro, situar na literatura brasileira a figura do negro, a passagem do negro, atividade do negro e sua representatividade.

Flora Thomson-DeVeaux: Além da carreira literária, o Oswaldo passou quase quatro décadas escrevendo no Estadão. E lá pelas tantas, pediram pra ele resenhar um livro novo que tinha saído a partir de documentos do acervo do Mário, chamado O Dicionário Musical Brasileiro. Isso foi em meados dos anos 80.

Oswaldo de Camargo: Então para escrever essa matéria, como eu era editor, tinha direito a ir ao arquivo e fuçar pastas, né? Para procurar alguns dados sobre Mário de Andrade. Foi o que eu fiz.

Flora Thomson-DeVeaux: Pros jovens, isso seria como dar um Google no nome do Mário de Andrade, só que um Google privilegiadíssimo. O Oswaldo foi lá no arquivo do Estadão e pegou a pasta do Mário de Andrade, que tava cheia de matérias sobre o Mário que tinham saído no jornal ao longo das décadas. E tinha fotos também.

Oswaldo de Camargo: Eu não tinha noção nenhuma, nunca imaginei o Mário, a cor do Mário.

Flora Thomson-DeVeaux: O Oswaldo conhecia a obra do Mário, claro, mas nunca tinha pensado no Mário como afrodescendente. E, nessa foto, dava pra ver claramente a ascendência negra dele. A pele um pouco mais escura, o pouco cabelo meio crespo...

Oswaldo de Camargo: Para mim foi um sobressalto muito grande. O que me chamou atenção nessa foto do Mário. Você conhece essa foto? Né? Claro que conhece. Foi sobretudo pelo cabelo.

Flora Thomson-DeVeaux: O Oswaldo ficou impactado de ver.

Oswaldo de Camargo: Então eu falei para o chefe do departamento de fotografia: Bento, me tira uma cópia dessa foto.

Flora Thomson-DeVeaux: A foto não saiu na matéria que ele fez. Ele só guardou a cópia.

Oswaldo de Camargo: Essa foto ficou na minha casa. Eu sabia da importância do Mário e eu fiquei todo orgulhoso de ter essa foto comigo.

Flora Thomson-DeVeaux: E depois de alguns anos, essa cópia da foto que o Oswaldo fez começou a passear.

Oswaldo de Camargo: Então, quando eu ia, a partir de uma palestra falar sobre literatura, eu sempre levava comigo o Mário de Andrade. Eu estava pregando a autoestima, mostrando que um dos maiores personagens da cultura brasileira era no mínimo um mestiço.

Flora Thomson-DeVeaux: A foto era uma prova cabal.

Oswaldo de Camargo: Não havia como negar que o Mário era um afro brasileiro.

Flora Thomson-DeVeaux: Isso não era exatamente uma novidade, né, porque essa foto não era a única prova. A própria árvore genealógica do Mário é uma prova.

Oswaldo de Camargo: pelo lado da avó materna, pelo lado da avó paterna, ele era descendente de duas mulatas, duas mestiças.

Flora Thomson-DeVeaux: Pro Oswaldo, o fato de ele não saber isso sobre o Mário – e de muita gente não saber – não é por acaso. Rolou, e rola, até hoje, um apagamento desses traços de muitas figuras ilustres brasileiras.

Oswaldo de Camargo: Francisco de Paula Brito, Chiquinha Gonzaga, Carlos Gomes, todos têm uma ascendência afro.

Flora Thomson-DeVeaux: E aí a gente chega em 2007. Na ideia do “museu vivo”, de colocar fotos dessas personalidades todas na rua pra todo mundo ver. O Emanuel Araújo pediu e o Oswaldo emprestou a tal foto pra Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, pra fazerem o banner do Mário.

Oswaldo de Camargo: Aí começou a polêmica. O Calil ergueu a lebre. "Esse não é o Mário de Andrade!" "Ahn?".

Flora Thomson-DeVeaux: Num primeiro momento, o Oswaldo não quis acreditar. Ele ficava testando, mostrando pra pessoas e fazendo tira-teima. E o Calil falando:

Carlos Augusto Calil: Essa pessoa não é o Mário de Andrade. Aí o Emanuel Araújo formalizou, disse, “Como não? É o Mário de Andrade!” E tal, como se eu quisesse, tivesse... discutindo se o Mário era ou não era negro, afrodescendente. A questão ficou em outro nível. Eu digo: “não, a fotografia é que está errada”.

Flora Thomson-DeVeaux: Bom, o tempo passou e as coisas se pacificaram um pouco. De fato, a fotografia tava errada. E de fato, o Mário tinha ascendência negra. Também é fato que ele não foi um militante na causa racial. Mas essa era uma parte da identidade dele que não passava despercebida – e como poderia, né, no Brasil?

Em 2018, o Oswaldo de Camargo publicou um livro chamado Negro Drama: ao redor da cor duvidosa de Mário de Andrade. E, no livro, ele destaca uma coisa que o Mário escreveu em 1938. Um texto chamado “A superstição da cor preta”.

Oswaldo de Camargo: Tem um trechinho assim: “Se qualquer de nós brasileiros se zanga com alguém de cor duvidosa e quer insultá-lo, é frequente chamá-lo ‘negro’. Eu mesmo já tive que suportar esse possível insulto em minhas lutas artísticas. Mas parece que ele não foi lá muito convincente, nem conseguiu me destruir. Pois vou passando bem, muito obrigado”.

Rita Lunardi: A minha avó era catalã, branquinha, catalã, e o meu avô é que era o negro da família.

Flora Thomson-DeVeaux: Essa é a Rita Lunardi de novo, falando do quase-sócia do Mário, o avô Belini.

Rita Lunardi: A família dela toda espanhola, super preconceituosa, ela, sabe, “O negro está chegando”. Aquelas histórias. Teve casa de, de tia que eles nem abriram a porta. Olharam pelo olhinho mágico e falaram “Não abre não, que é aquele negro”. Quando eu fui casar com um homem negro, minha mãe falou: “Você vai passar muito problema, porque você fez isso?” E ela casou com branco. Meu pai era branco, de de olho verde. “Você vai sofrer preconceito como eu sofri”. “Você precisa ver como é que as pessoas te olham diferente”. Ela teve coragem de falar pra mim – “A gente já estava

ficando mais branco. Você vai casar com um negro, você vai ter todos os problemas". Eu falei: "Pelo amor de Deus".

Flora Thomson-DeVeaux: O Belini e o Mário realmente não tinham tanta coisa em comum. Mas, nesse aspecto, as vidas deles convergiram. E agora, décadas depois da morte dos dois, eles tão ali, ombro a ombro na internet.

Rita Lunardi: Ele ia ficar encantado, como eu disse, mas acredito que ele também não... não gostaria de estar se passando por uma outra pessoa. E acredito mesmo, ele ia ficar lisonjeado. Mas ele iria querer a sua identidade. Acho que pelo pouco que eu conhecia, assim, dele, ele botava fé nele, sabe?

Oswaldo de Camargo: a foto que eu peguei do arquivo do Estadão continua sendo Mário de Andrade para muita gente ainda.

Flora Thomson-DeVeaux: Quando eu falei com o Oswaldo de Camargo, ele não sabia que a identidade do homem na foto já tinha sido desvendada. Ele ainda tava achando que aquela foto devia ter ido parar na pasta Mário de Andrade porque era uma foto do Mário Andrada, o jogador de futebol. E quando eu contei que o nome do sujeito era Belini Ferraz, ele ficou sem entender nada. Como é que a foto foi parar ali, na pasta do Mário no arquivo do Estadão?

Oswaldo de Camargo: Fica esse mistério. Fica esse mistério.

Carlos Augusto Calil: A partir do momento que entrou na internet, você sabe que nunca, nunca mais sai. E não adianta dizer: "não é". Alguém sempre vai achar que é.

Flora Thomson-DeVeaux: Bom, aquela troca de e-mails e ligações que eu falei lá no começo resultou numa coisa. Ou algumas coisas.

Katrina Dodson: Eu tenho que rir porque agora parece que eu fico sempre corrigindo, né? O uso das imagens dos autores aqui eu traduzo. Mas aconteceu a mesma coisa com a Clarice quando saiu *The Complete Stories*, todos os contos dela.

Flora Thomson-DeVeaux: Essa é a Katrina Dodson.

Katrina Dodson: Eu sou Katrina Dodson, tradutora de Clarice Lispector e de *Macunaíma*, de Mário de Andrade.

Flora Thomson-DeVeaux: Na época da tradução dela dos contos da Clarice, várias publicações reproduziram fotos de duas mulheres que definitivamente não eram a Clarice – a atriz Rita Elmor, que tinha interpretado a Clarice numa peça, e a escritora norte-americana Alice Dunham. Lá atrás, a Katrina saiu escrevendo pras publicações e corrigindo, chegou até a escrever um ensaio sobre essa confusão toda. Daí ela passa 5 anos traduzindo Macunaíma pro inglês – e, olha, gente, dica pra quem tiver amigo anglófono, eu recomendo demais a nova tradução dela – ... e agora essa coisa das fotos trocadas tá parecendo um carma dela.

Katrina Dodson: Eu achei o retrato super bem feito, adorei, só que não era Mário.

Flora Thomson-DeVeaux: Ela me disse que deu até um aperto no coração, de tanto constrangimento, quando viu a imagem na revista.

Katrina Dodson: Quem conhece a imagem de Mário e saindo numa revista tão importante assim, revista literária, né, era o chance do próprio Mário ter uma homenagem que ele merece.

Flora Thomson-DeVeaux: A Katrina fez a ponte com os editores da revista, mandando outras fotos do Belini pra provar que aquele homem realmente não era o Mário.

Katrina Dodson: A gente montou toda a história de como aconteceu esse engano, e eu mandei toda a história para a New York Review of Books.

Flora Thomson-DeVeaux: E eles fizeram o que tava no alcance deles pra corrigir o erro: encomendaram um novo retrato do Mário pro artista – agora baseada numa foto do Mário mesmo! –, pra ficar no site deles.

Katrina Dodson: E eu acho que o que a gente fez, esse gesto pequeno de corrigir a imagem de Mário de Andrade, isso ajuda, né? Isso faz parte do nosso trabalho de ler de. Informar o público sobre quem era esse autor.

Flora Thomson-DeVeaux: Só que não tem jeito... agora, além de tá ali no Google Images, tem mais alguns milhares de exemplares da New York Review of Books circulando pelo mundo com a cara do Belini e o nome do Mário. No final da nossa conversa, o Calil citou aquele poema famoso do Mário: *eu sou trezentos, eu sou trezentos e cinquenta...*

Carlos Augusto Calil: Agora eu podia dizer o seguinte: Mário não é, Mário é 351. Porque o sócia agora, já que está na internet, e da internet, nada sai. Nunca, nunca ninguém vai remover aquela imagem da internet. Agora o Mário vai ter que aceitar o fato de que ele se desdobrou em mais um, em 351.

Rita Lunardi: Quer ver? Quer deixar a foto do meu avô ali? Deixa. Mas escreve: "Atenção! Esse é o Belini Ferraz". Ai, que coisa linda!

Branca Vianna: Essa história foi produzida pela Flora Thomson-DeVeaux.

Entre a gente apurar e publicar essa história, a Rita Lunardi, a neta do Belini, entrou em contato com algumas páginas que tavam reproduzindo a foto do avô dela como sendo do Mário de Andrade e pediu pra retirar... então essa confusão já tá sumindo das páginas de buscas aos poucos. Mas no post desse episódio no site da Rádio Novelo você consegue ver prints da foto do Belini entre fotos do Mário, e a ilustração que saiu na New York Review of Books. Tem também uma bela seleção de episódios de várias versões do Art Attack, em várias línguas, com a curadoria cuidadosa da Bárbara Rubira.

Se você conhece alguma história que merece sair aqui no Rádio Novelo Apresenta, vale a pena visitar a seção “envie uma pauta”, lá no nosso site também, onde tem o passo-a-passo de como formatar as sugestões pra mandar aqui pra gente.

Você encontra o Rádio Novelo Apresenta nos principais aplicativos de áudio. Cê pode seguir a gente no Spotify, no Apple Podcasts, e no Amazon Music. Na Deezer, é só favoritar. Também dá pra se inscrever no Google Podcasts, no Castbox e no canal da Rádio Novelo no YouTube.

Segue a gente também no Twitter e no Instagram, no @radionovelo, e marca a gente sempre que for recomendar ou comentar algum episódio.

O Rádio Novelo Apresenta é um original da Rádio Novelo.
A gente tem o apoio da Open Society Foundations.

Tem episódio novo toda quinta-feira.

A direção criativa é da Paula Scarpin e da Flora Thomson-DeVeaux, e a produção executiva é do Guilherme Alpendre.

A gerência executiva é da Marcela Casaca e a gerência de produto é da Juliana Jaeger.

Nossos produtores sênior são o Vitor Hugo Brandalise, a Évelin Argenta, a Bia Guimarães e a Sarah Azoubel.

As produtoras da nossa equipe são a Bárbara Rubira, a Natália Silva, e a Júlia Matos.

A checagem deste episódio foi feita pela Denise Ribeiro.

Nesse episódio, a gente usou música original de Kiko Dinucci e também da Blue Dot. A mixagem é do Pipoca Sound.

O desenvolvimento de produto e audiência é feito pela Bia Ribeiro.

O design das nossas peças é do Gustavo Nascimento.

E a nossa analista administrativa e financeira é a Thainá Nogueira.

Brigada, e até a semana que vem.